

C.P.

XXXXXXXX

Conceia Reis

POSSÍVEL RESPOSTA Ao 3º, 4º, 5º e 6º QUESITO...

Numa terra pequena como Messines as possibilidades culturais eram bastante limitadas e todavia mais no tempo em que eu apareci para a luta quando já se estava numa fase decadente. No entanto na sede da União Sindical local ainda se abriu uma escola onde os filhos dos operários e mesmo operários analfabetos aprendiam a ler, mas essa escola ainda foi do meu tempo mas veio a desaparecer e pouco sobreviveu ao meu ingresso na Organização! Os próprios sindicatos foram perdendo vida e a partir de uma greve dos trabalhadores rurais locais o sindicato rural perdeu o interesse para a maior parte dos trabalhadores porque se perdeu a greve e a perda de uma greve se foi sempre a contecimento desastrosos <sup>para</sup> organismos que a promovem, em tempos de crise é todavia maior e toda a organização se ressentiu desse facto. Diga-se que a perseguição aos sindicatos e seus elementos mais activos era ferós, que aliada a outros factos da vida portuguesa, a partir dos anos 20, enfraquecem por toda a parte a luta social e muitos organismos sindicais feneceram como consequência não só desse facto mas até como directo reflexo de uma geral crise e perturbação que o País vivia, senão ainda acrescentado tudo isto pelo enfraquecimento provocado por uma rutura na unidade sindical! A guerra de 14 foi em todos os aspectos uma catástrofe, mas a crise económica que dela resultou irá ser para os países economicamente débeis um flagéllum <sup>que</sup> medida em <sup>o</sup> desemprego era a fome e a miséria absoluta para esses povos, especialmente os que tinham directamente interferido ou entrado na guerra, como aconteceu a Portugal, Itália, Alemanha e até mesmo a França. A Inglaterra e a América, embora tenham atingido dezenas de milhões de desempregados, ~~em~~ economias mais sólidas e industrialmente mais desenvolvidas puderam provisoriamente com a ideia de subsídios ao desemprego, iludir soluções socioeconómicas e afastar o perigo de revoluções e prosseguir na sua tradicional linha de um capitalismo liberalizante. Portugal, contrariamente ao que assevera o salazarismo e quantos fazem pandam com o seu totalitarismo, éramos política e revolucionariamente ~~preparados~~ ~~na~~ ~~uma~~ ~~dos~~ ~~países~~ ~~mais~~ ~~evoluídos~~ ~~na~~ ~~Europa~~ ~~senão~~ ~~no~~ ~~mundo~~, como o afirma João Chagas e os vinte anos que antecedem e sucedem a República o comprovam. Contrariamente ao que dizem e crêem os comunistas a entredição em que nos têm os salazaristas não é fruto do nosso atraso nem o advento da Ditadura em 1926 consequência de uma força reaccionária para ser antes resultado do enfraquecimento da Organização Operária e este determinado pela confusão que o triunfo do Bolchevismo viria trazer a todos os sectores da vida revolucionária! Estes estragos foram todavia maiores e imediatos onde estava presente a ameaça da revolução social, como foi o caso da Itália e da Alemanha, na Europa, países onde o fascismo se alicerça e alimenta da própria condimentação marxista, sabido que até o próprio Mussoline marxista foi e na Alemanha os oito milhões de comunistas se passaram para as forças do nazismo sem nada vestir nem despir da roupagem marxista que os cobria! Em Portugal o fascismo não encontrou o alimento humano que precisava para se alimentar e não fôra toda uma série de circunstâncias de ordem externa o fascismo em Portugal não se teria fixado!

É este um tema que ainda virei a tratar mais detalhadamente, naturalmente lá mais para diante quando venha a falar da minha acção posterior~~mente~~ ao meu regresso do Tarrafal. Este desvio foi uma deambulação accidental originado pela necessidade de explicação prévia do enfraquecimento do nosso Movimento. De ~~uma~~ qualquer modo a minha intervenção no campo cultural foi quase nula e apenas fiz parte de um grupo dramático que no Sindicato da Construção Civil se criou e por iniciativa de José da Silva, mas orientado por <sup>um</sup> indivíduo chamado Campanelas, muito amigo e algo sabedor de coisas de teatro, que muito nos ajudou e levámos algumas peças à cena, independentemente de sessões de leitura comentada e uma ou outra vez a ida ali de militantes que faziam palestras ou conferências. Posso talvez dizer que na minha juventude ~~Messines~~ <sup>primou-se</sup> ter feito alguma coisa no campo revolucionário e das idéias, vindo-se a perder se não tudo pelo menos aquele lado doutrinário propriamente definido. É certo que foram precisos alguns anos para que isso acontecesse e creio que a crise económica foi talvez o primeiro <sup>e</sup> mais eficiente inimigo que tivemos!

No campo da militança, à parte a morte de José da Silva, os estragos não foram apreciáveis e a cisão, que quase por toda a parte começou a fazer danos, localmente poucos nos atingiu. Claro que sempre houve um ou outro que mais ou menos se iludia com o desfecho da revolução russa e as promessas do bolchevismo, mas os cegetistas em número e qualidade tiveram sempre vantagem, vantagem aliás extensiva a todos os pontos do País e que sempre se observou por toda a parte enquanto ~~enquanto~~ a Ditadura não foi, na pessoa dos seus militantes presos e deportados e encerramento dos sindicatos ou a sua fascização, afastando ou destruindo a nossa influência... No movimento sindical foram sempre as idéias libertárias ou federalistas que predominaram e se o salazarismo teve sempre dificuldades em dominar os sindicatos a esse espírito ou herança do anarco-sindicalismo se ficou a dever! Ainda hoje os sindicatos não passam de organismos burocráticos e nada fazem ou se alguma coisa tentam é ainda ~~o~~ espírito revolucionário nas massas trabalhadoras adormecido que desperta. A acção directa não é uma invenção dos anarquistas embora sejam estes que mais se impuseram aos que <sup>a</sup>impugnavam.

As indústrias de exportação, especialmente a corticeira, suportam uma crise que economicamente nos arrasa <sup>e</sup> que junto a uma sistemática hostilidade e sabotagem das consideradas forças vivas ao regime e particularmente à organização operária, onde todos os reaccionários viam o grande inimigo e fautor de qunato mal existia, perturba e quebra o ânimo dos políticos liberais e dá ensejo a que os mais reaccionários se vão apoderando do poder e apoiados pelos mercenários da pena e do exército <sup>adquirem</sup> posições que o Estado e a Igreja com o 28 de Maio transformam em ponto de partida para um robustecimento que ainda se mantem... Naturalmente sem contarmos com as imediatas consequências da revolução russa, no que tinha de ameaçador <sup>u</sup> e perturbante não só no mundo burguês mas sobretudo para quem tinha consciência do que em nossos dias representava o triunfo de um sistema onde todas as liberdades se perdiam!

Era ainda muito novo, considerando que faço parte da última fornada de jovens militantes, com um ano a mais ou a menos de J. Reis Sequeira; Emídio Santana, Germinal de Sousa, José Bernardo, Sebastião de Almeida, Virgílio Barroso, José Eduardo e tantos outros que agora não recordo. Esta juventude, da região de Lisboa e Sul, pode considerar-se, sem monospreszo por tantos belíssimos camaradas jovens e velhos do centro e norte do País, representa uma pleiade de combatentes das lições revolucionárias ou libertárias dos últimos 50 anos de luta em Portugal. Muito nos honra ter com eles lutado e os que ainda vivem ainda primam pela sua firmeza de convicções! Mas dizia eu que pouco pude fazer do que poderia considerar-se trabalho legal a não ser distribuir alguma imprensa clandestina ou neutralizando tanto a acção de confusãoismo dos comunistas, como anulando os efeitos demagógicos do "Estado Novo"...

A minha acção até ao 18 de Janeiro esteve limitada a uma insistência em manter viva a idéa de organização e o combate ou defesa do que se me afigurava justo ou injusto no domínio social. Possuidor de uma irreverência nata desejava contagiar tudo e todos da minha rebeldia! Lembro-me que me deve ter ficado a desse tempo a mania da discussão que ainda tenho e donde promanou o interesse pelo estudo e conhecimento dos problemas, para os poder discutir e não me atrapalhar com os meus interlocutores.

Lembro-me de alguma imprensa operária e anarquista, bem como socialista e comunista que recebia e lia com interesse, mesmo a que discordava: "A BATALHA", "A COMUNA", do Porto, o jornal "AURORA", publicado no Cercal do Alentejo, recebi e li creio que os 14 números da revista "AURORA", publicado no Porto; de "ARGONAUTA", creio que órgão corporativo ~~ou~~ do sindicato dos marinheiros de longo curso; a "A ALIMENTAÇÃO", órgão dos padeiros e ainda "A BATALHA NA 2ª tiragem ou saída"; "A VANGUARDA" do Porto e o "CONSTRUTOR", órgão da F. da Construção civil. Com tendência socialista ou comunista recebi "O PENSAMENTO" jornal e revista ambos publicados no Porto; "A VIDA SOCIAL"; "O REDUTO", órgão da F. dos Transportes e o "PROLETARIO" órgão legal e clandestino do P. C.. Deve talvez dizer que comecei por ser correspondentes de alguns dos nossos e mais tarde comecei a colaborar e lembro-me que ficou desse tempo o vício de rabiscar e mal ou bem escrevi algumas dezenas de artigos em vários jornais, embora não tenha em meu poder nada do que escrevi, nem mesmo os mais recentes.

Em Messines ainda desempenhei nos últimos tempos da minha permanência ali certa actividade esclarecedora e de organização de núcleos de simpatizantes, criando mesmo uma ALIANÇA LIBERTÁRIA, que a formavam alguns grupos de simpatizantes ou mesmo camaradas. Recorde-me com profunda saudade desses gloriosos ~~os~~ tempos, não só por corresponderem à minha juventude mas talvez por ter sido a época <sup>que</sup> mais éxito registei no meu labor revolucionário!... Oh! com que entusiasmo eu vi muita gente simples e humilde aplaudir ou aceitar as idéias que também com fervor e entusiasmo lhes propagava!! Bons tempos esses para mim e todos nós portugueses e o mundo mesmo inspirava mais esperança que não a que hoje se vive ou aspira!

Messines, para além de centro revolucionário, era também meio muito liberal

e a esse facto creio eu dever grande parte do <sup>a</sup> êxito <sup>a</sup> nossa intervenção ali ~~teve~~ teve na dessiminação das nossas idéias. Recordo que havia um núcleo de democrático, outro que se dizia republicano, reminiscências ainda dos antigos partido de Afonso Costa e Brito Camacho, havendo também um núcleo monárquico que não aceitaram a ditadura e onde eu recrutei amigos e mesmo admiradores. É claro que não estariam cem por cem de acordo commigo, mas no que à ditadura se referia não deixavam de acertar o passo... Este clima foi-me sempre útil e permitiu, exceção a dois ou três façanhudos estadonovistas, toda a gente me suportava e até serem meus amigos. Compreende-se que uma tal situação me não era difícil por temperamento e raciocínio e foi condição que sempre me acompanhou pela vida fora e moldou-me com sentimentos e hábitos de convívio que por <sup>onde</sup> ~~vendi~~ e vivi me deram certa singularidade e algumas vezes certo prestígio. É de mim que estou a falar e com imodéstia ou transparência fui assim... Mas tudo isto é para explicar que já mesmo sob a ditadura pude exercer certa actividade local e só quando estendi a minha acção a outras terras do Algarve e Baixo Alentejo e a própria situação se agravou mais, eu me vi alguma coisa mais apertado, tive que me ausentar psriódicamente uma ou outra vez, tendo em Janeiro de 31 o meu maior aperto, incluso foram presos nessa altura três rapazes envolvidos no meu caso, que não deixou de ser um episódio de certo relevo na minha vida e que vale a pena descrever:

A sede da União dos Sindicatos tínhamo-la entregue ao senhorio e só o sindicato da construção civil sobrevivia sob a obstinada teimosia de meia duzia <sup>de</sup> carolas e para que se suportasse o peso da renda abrimos uma escola na sua sede. Estava nessa altura como administrador do Concelho um tal alferes Barroso, um paranoico e agente activo da Pide, <sup>a</sup> intigado por um ou outro reaccionário começou por prseguir tudo e todos e certo dia resolve mandar encerrar a escola e escudado na idéia que eu e mais dois ou três rapazes, incitávamos menores à indisciplina e <sup>de</sup> ~~ministramos~~ idéias bolchevistas sob o disfarce de escola... Entretanto mandou-nos um officio ordenando a supressão da escola, acusando-nos de não possuirmos condições morais nem intellectuais para exercer a missão de professor. Desnecessário será dizer que reagi e o que imediatamente fiz foi escrever um artigo num jornal que se publicava na sede do concelho "A Vóz do Sul" e não só não acatava a ordem como me insurgia e até verberava o procedimento insólito do administrador. O artigo foi como que uma espécie de bomba e a primeira reacção do homem foi ir à redacção do jornal fazer barulho e ameaças mas como o jornal tinha ido à censura disse que me iria imediatamente prender. Se bem o disse melhor o tentou fazer, simplesmente fui imediatamente avisado e quando o homem e a policia que o acompanhava para me prender chegaram já eu me tinha <sup>em</sup> ~~na~~ posto a salvo. Seriam, portanto, <sup>uma</sup> ~~um~~ <sup>sonze</sup> e tal da noite, dá-me um assalto a casa e quantos livros, jornais e papeis encontrou levou-os e, segundo soube, queimou tudo. Mas como não me encontrasse prendeu três rapazes dos que mais se davam comigo: - Teófilo Fontainhas Neto, Manuel Patrício e Paulo Anbrósio Neto. Os rapazes levou-os para Silves e deu-lhes ali forte tarefa e entretanto dá ordem para que me procurem por toda a parte e organiza um processo aos rapazes e a mim com miras a manda-lo para Liboa... Claro que ~~o~~ acontecimento era motivo

5/  
das ~~varias~~ <sup>mais animadas</sup> conversas e comentários e eu, nessa altura, nem quanta água o mar possui me lavava e tomei a resolução de me dirigir a Faro, tentar esclarecer todo o assunto e se alguém tivesse que ficar preso ficaria eu que não os rapazes que culpa alguma tinham do incidente. Diga-se que estudei o assunto maduramente e estabeleci um plano que resultou: -Dirigi-me para Faro e ali procurei o capitão Palma Mestre, Tenente M. Caetano de Sousa, que conhecia e eram meus amigos, directores de um jornal "A MOCA" <sup>de</sup> eu era assinante. Fui também à redacção do "Diário do Algarve", solicitar-lhes o favor, depois de contar o incidente da publicação do artigo e suas conseqüências, de me emprestarem "A Voz do Sul" que inseria o artigo. Vale dizer que me franquearam imediatamente o jornal e toda a solidariedade jornalística, como se se tratasse de um jornalista de profissão... O resultado destes meus passos foi ser directamente <sup>apresentado</sup> por Caetano de Sousa ao Secretário do governo civil e este interessou-se extraordinariamente por mim e marca-me uma entrevista com o governador civil a quem iria expor o caso, pois ~~stava~~ que eu tinha ordem de prisão dada por esse alferes Barroso, além da propria prisão dos rapazes que se mantinha. Convem assinalar que eu era como cidadão ferido nos meus direitos de cidadania que me apresentava e evocava em primeiro lugar o assalto que a minha casa fôra feito a altas horas da noite, a extorsão de todos os meus livros e papeis e jornais, que eu legitimamente apreciava e tinha adquirido, com a agravante de estar minha mulher parturiente de dois ou três dias, tendo-lhe vindo umas Hemorragias que lhe iam sendo fatais! Tudo isto era verdade e devidamente explorado <sup>e pouco</sup> habilmente acompanhado das causas que o determinaram deram-me uma audiência pouco vulgar e eu, que tinha ordem de prisão, continuei em liberdade <sup>a</sup> agir no sentido de libertar os rapazes. Deste modo <sup>fui</sup> dirigido ao comandante da policia, então o capitão Maia Mendes que ~~vixia~~ mais tarde <sup>a</sup> ser director da Pide que não foi menos gentil que os que <sup>o</sup> antecederam neste imbróglio e do qual me saí bem e não <sup>só</sup> obtive a liberdade dos rapazes mas até a demissão do administrador. Claro, que a coisa deu-se I<sup>o</sup> porque tendo sido chamado a Faro se recusou quando soube que eu <sup>me</sup> encontrava em liberdade e as autoridades do distrito não compartilhavam da idéia que ele fazia a nesse respeito mas especialmente da maneira como ele teria procedido em relação a ~~tudo~~ o caso... Convem lembrar que se está <sup>em</sup> 1931, quando especialmente na provincia o sentido de repressão ainda não tinha atingido o cunho que viria a ter depois de 33 ou mesmo como já teria em Lisboa e arredores... De qualquer modo foi um triunfo para nós e o próprio Maia Mendes ficou sendo meu amigo, a tal ponto que certa vez que fui e estive preso em Silves ainda de sua recreação me foi ver às prisões do Castelo onde estava junto dos presos comuns e interceder no sentido que me fôsse dada liberdade, isto um ano e tal depois...

Como já o assinaliei a situação foi-se apertando e o perigo da minha actual situação tornou-se mais evidente na medida em que insistentemente procurava desinstituir doutrina onde me era possível e com a nota da experiência que o estudo e a luta me iam dando. Insisto em lembrar que por condição e reflexos da crise mundial, a situação do proletariado era catastrófica com a agravante de se encontrar desguarnecida de quaisquer elementos de defesa, pois os sindicatos e a imprensa operária tinham-nos sufocado e os trabalhadores encontravam-se sob a

voracidade patronal sem qualquer meio de defesa!

Tudo que se havia conquistado no domínio da reivindicação se foi perdendo e até as oito horas de trabalho já poucos a respeitavam! Recorde-me que fomos nós na construção civil que sempre insistimos no seu cumprimento e ao abrigo do decreto 5516 nomeámos dois fiscais do horário do trabalho e um deles era eu. Certa vez, aí por volta de 932 fizeram-se umas obras numas estradas circunvizinhas e como era no verão aquela pobre gente trabalha cerca de 14 horas por dia. O facto mereceu a nossa atenção e como tínhamos dois camaradas cantoneiros naquela área não nos foi difícil penetrar no convívio dessa malta e começámos a insistir-lhes a que não trabalhassem mais de oito horas de trabalho por dia, pois isso era da lei... Grande parte deles, trabalhadores, desejavam, mas tinham receio de se lançarem no cumprimento das oito horas e um dia, eu e um camarada chamado João da Arueira (por sinal um excelente camarada e que nos últimos tempos da minha presença em Messines foi dos meus melhores colaboradores) fomos ao local e incitando uns, outros tirando-lhes as ferramentas levámos-os ao abandono do trabalho e respeitarem as oito horas de trabalho! Este incidente teve repercussões endiabradas, sendo sol de pouca dura, não deixou de fazer cair sobre nós a ameaça de prisão e tivemos que nos pôr a salvo, ausentando-me alguns meses de Messines.

Tais incidentes se por um lado alentavam a vida da organização por outro concitaram especialmente contra mim a má vontade de um ou outro mais sectário e as próprias atenções da Pide. Esta ambiência foi-se agravando e tudo que afectasse a Situação e que em Messines ou terras vizinhas era sempre eu um dos que mais suspeição sofria e a propósito não deixarei de narrar um episódio que reputo de muito curioso:-

À saída de Messines, para o lado do Poente, há uma cruz não sei desde quando, Chamam-lhe cruz grande porque realmente é grande e está assente sobre um palanque de uns seis ou sete metros de superfície. Certo dia a cruz grande apareceu partida e foi o facto motivo para os mais disparas comentários e rumores e como todas as coisas boas ou más têm que ter autor caiu sobre mim, especialmente partido do sector mais reaccionário incluso o padre, pessoa com quem nunca tinha falado e que nutria por mim certa má vontade e rancor, de modo que é dele que parte o maior escarceu e incluso uma carta anónima denunciando-me como único capaz de tal acto praticar e até exigindo que na pessoa do autor, (e neste caso era eu) se castigasse um crime de vandalismo, que para exemplo e o caso em si bem o merecia... É claro que num meio pequeno como era Messines foi durante dias e talvez semanas o putinho do dia e eu não andei por bons lençóis na boca daquela gente, pois embora os meus actos de sempre não comprovassem uma coisa daquelas a verdade é que uns convenceram-se e outros não e assim se arrastava a quietão. Entretanto sou chamado à autoridade local que me entregou a supracitada carta anónima e o que era que eu dizia. Voltei-me para o homem, que me conhecia muito bem e ainda por acaso da minha família, que queria ele que eu dissesse a tal infâmia?.. Este meu parente conhecia-me de sobejo para pensar a ~~meu respeito uma~~

meu respeito qualquer coisa que se parecesse com tal acto que em boa verdade nada representava...O facto é que a acusação ficou feita e em mim o propósito de me encontrar com o padre e pedir-lhe explicações; fiz circular esse propósito e parece que o homem sabendo disso se desviava de mim ou pelo menos durante algum tempo não me pude encontrar com ele. Convém dizer que eu não desistia de uma explicação e lembro-me que já decorrido algum tempo fui certo dia com um moço meu amigo, dirigia-me em sentido da dita cruz quando voltando casualmente para trás vi que a umas centenas de metros aparecia o padre Vaz, assim se chamava o homem, e estabeleci imediatamente a ideia de lhe pedir explicações. Se o pensei também o fiz e quando o homem passava por mim, dado que esperei por ele propositadamente para isso, interceptei-o para lhe perguntar, embora desabrida e irreverentemente, no que se teria ele baseado para me ter acusado de ser eu o autor da demolição da cruz. O indivíduo enfurece-se e em absoluto desconcerto e desaustinado diz-me que sim, que sabia que era eu, "porquanto sabendo que eu extremamente bolchevista, portador de ideias sórdidas de tudo era capaz e que mais ninguém a não ser eu poderia ter praticado tal feito"...A indignação que isto me produziu é indescritível e nenhum adjectivo conhecido no sentido pejorativo deixei de lhe chamar, a tal ponto que o homem já não sabia o que havia de dizer ou fazer para me calar, desde a bengala à pistola tudo parecia querer fazer desabar sobre mim, sem que isso me perturbasse e insistisse em lhe chamar tudo que em boa verdade o seu acto merecia! Suponho que não preciso acrescentar que foi um autêntico escândalo e a pouco tempo da altercação estávamos a ser vistos e ouvidos por dezenas de pessoas e nesse homem envergonhado por tudo que em seu desabono descarregava a tal ponto que a certa altura o homem pedia-me por tudo que o respeitasse e que estava disposto a explicar-me tudo e até a pedir perdão e agora que me via reagir assim estava convencido que estaria inocente e que acalmasse os nervos e vouvisse! Claro que era já bater em mortos e acabei por aceitar ouvi-lo combinámos prosseguir estrada fora e em tom já mais moderado ouvi-o e falei...O nesse diálogo durei das cinco e tal até por volta das nove <sup>três</sup> e <sup>vezes</sup> que homem me pediu perdão e nas condições em que o fez <sup>não</sup> <sup>considere</sup> ser muito próprio da sua categoria e valor, mas talvez explique o modo como eu o ataquei e soube tirar proveito de uma situação que realmente não era nada boa para quem se preze...Enfim, a coisa acabou em bem e o nosso homem além de se penitenciar aos meus ouvidos pretendeu ser-me útil e muita coisa me ofereceu, em relação a empregos, que nunca aceitei e em mais que uma vez demonstrou desejar ser-me útil...Em 1932 fui preso e fiquei sabendo que muito se interessou por mim e quando respondi em 1933 ofereceu-se para minha testemunha e o seu depoimento a meu respeito pecava demasiado por lisonjeiro e ninguém diria melhor a meu respeito. Naturalmente fui absolvido e convém lembrar que o meu julgamento foi o terceiro na ordem de tantos que viriam a ser feitos <sup>S/</sup> pelo célebre Tribunal Militar Especial formado <sup>pl</sup> nos anos 32. Suponho que beneficiei de uma situação previamente criada no sentido de convencer toda a gente (e isto estava mais ou menos certo) não acreditar na seriedade destes julgamentos que apenas visava <sup>m</sup> legitimar não só toda uma série de arbitrariedades da Pide

nocivos em liberdade. Talvez possa aqui dizer que desta minha prisão muita coisa resultou em reforço da minha formação tanto <sup>no</sup> sentido ideológico como tactico. No fundo enriqueci a minha experiência e pude manter contactos <sup>com</sup> uma pleiade de mil-  
tantes que doutro modo me não teria sido possível na altura. Fui encontrar no Al-  
jube Manuel J. de Sousa, F. Quintal, Correia de Sousa, Luís Laranjeira, José Austo  
de Castro, Pimentel, Antonino Francisco (preso comigo e deportado comigo também  
para o Tarrafal e ali se passou para o Estado Novo e tranferramos <sup>num</sup> autêntico  
pirata), Emídio Santana, Miquelino da Silva, O Machado (irmão do Machado conechido  
entre <sup>me</sup> pelo Machadinho per muito <sup>me</sup> se ter revelado não só camarada convicto mas  
muito dedicado à luta <sup>com</sup> as idéias). Enfim, para só falar dos nesses e dos que ago-  
me lem bro.

Recorde-me dum incidente nesse meu julgamento que <sup>não</sup> registo à tentação de o des-  
crever: - A minha acusação estava feita em modos muito patuscos e outra coisa não  
podia ser; considerando os feitos de que <sup>me</sup> podiam acusar; de incitar à greve (e isto  
referiam-se aos trabalhadores da estrada), fazer propaganda subversiva e in-  
citar menos à indisciplina social, referindo-se em termos directos ao caso da es-  
cola do Sindicato e da interferência do Alferes Barrese. Foi meu advogado Mourin-  
ho da Silva, rapaz novo que viria, passado pouco tempo, a suicidar-se, fez real-  
mente uma boa defesa e era advogado do Conselho Jurídico da C.G.T. Presidia ao  
Tribunal um coronel Ferreira de Macedo, com dois juizes civis, o delegado do mi-  
nistério público, o secretário do Tribunal, que foi quem fez a minha defesa não  
só lendo um relatório feito de informações directamente por ele colhidas na mi-  
nha terra e lendo uma carta do padre Vaz, fazendo a minha defesa em termos, como  
neutro lugar e assiná-lo, mais que lisonjeiros... Como é da praxe perguntaram-me  
se tinha alguma coisa a alegar em minha defesa e eu com a singeleza de toda a mi-  
nha condição disse mais ou menos: não compreendia que ensinar o alfabeto a quem  
o não sabe, especialmente a garotos que não poderam em devido tempo frequentar  
a escola e agora já nas fábricas todavia menos... À greve expliquei que o que ti-  
nha feito foi aconselhar os trabalhadores a não trabalharem mais que oito horas  
porque isso <sup>era</sup> da lei e nunca podia ser subversão exigir o cumprimento da lei... Por  
Por último o Tribunal reuniu para deliberar e fui absolvido. A sentença é lida a-  
pós uma ordem de apresentar armas de um pelotão presente e a sentença e todo o  
clima do Tribunal me dava a sensação de me ser vavorável e eu em breves e simp-  
ples palavras agradei a justiça que era feita e o presidente, que parecia espe-  
rar isso de mim, respondeu-me num tom bastante etocrático, "justiça não se agrade-  
ce". Não precisava muito da lição mas passou-se assim... Merece ainda menção nest  
te episódio o procedimnto do secretário do Tribunal, se me lembro um tenente,  
pergunteu-me se eu não tinha dinheiro para as passagens e como realmente não ti-  
nha disse que não e se encarregou de me arranjar...

Fui ainda acompanhado de um agente para o Aljube e permaneci preso até cerca  
das 8 e meia, tempo indispensável para apanhar <sup>o</sup> comboio para o Algarve...

Cerca de seis meses preso regresssei à minha terra como neutívago entrado em  
pousada que não quer ser visto... Estabeleci o propósito de estar dois ou três



dias sem aparecer, fugindo assim à curiosidade de toda aquela gente em saber como foi como teria sido, pensando que quebrado o interesse imediato a coisa passaria e ver-me-ia assim aliviado de perguntas que de algum modo não interessariam muito dado mesmo o cunho exagerado que se deu aos maus tratos que eu teria passado... Entretanto dei entrada de novo no quotidiano martelar da vida e pergunta mais pergunta menos tudo se foi normalizando e fui ao mesmo tempo sendo informado de quem mais se interessou por <sup>mim</sup> e pude mesmo ter demonstrações de certa amizade que não contava, tal o caso do padre Vaz, de quem recebi a mais cordeal prova de interesse para que tudo em minha volta se procedesse como desejasse e merecia! Aproveite o ensejo para lhe agradecer e o homem reiterou-me a promessa de me desejar ser útil e sempre que dele precisasse que como o maior prazer estaria ao meu dispor... Naturalmente que <sup>não</sup> deve deixar de mencionar aqui entre muito que era meu dever fazê-lo de alguns democráticos e republicanos tais como Dr. Mexias (médico e confiante republicano), Manuel Francisco (comerciante) Alfredo da Silva, Alfaite, Manuel A. Carneiro, João A. Carneiro, José Matias, todos comerciantes para só falar dos que agora me ocorrem.

Esta minha prisão agudizou as desavenças políticas entre os liberais e a corrente salazarista personificada especialmente na pessoa de João Figueiredo, Dr. Cabrita e um ou outro sabujo ou lacaio, sem importância.

O Dr. Cabrita era filho da terra e quando ali chegou com o canudo ia todo enfulado e impregnado de estadonovismo e ninguém podia com ele, embora no fundo de mais burro que mau. Certo dia, recorde-me, estava numa barbearia de uns moços de nome Ambrózios, quando ele entra e não me apercebendo, não sei se de facto e se propositadamente, falávamos coisas da Situação que ele em certa altura intervem e procura contestar-nos mais em modos <sup>mim</sup> de que pode que propriamente de quem sabe. Os seus modos não nos convenceram e como se viu embaraçado com esses argumentos tomou uma atitude algo ameaçante e pouco correcta e saiu de porta fora. Convém dizer que as nossas relações nunca haviam sido boas nem más mas a partir desta data o homem passou a fazer-me dessa e até uma das minhas prisões foi denúncia directa dele, numa altura de uma reunião do sindicato e sem autorização como o disseram. Sabe-se que ele viria a ter remorsos de algum mal que me desejou e além de certa inquietação que viveu durante as minhas prisões por nelas ter tido alguma interferência (aquando do 18 de Janeiro até dinheiro chegou a oferecer a quem fosse capaz <sup>de</sup> descobrir ou denunciar o meu paradeiro!) (I) que lhe havia de causar dolorosa atormentação, principalmente quando viu o desfecho da guerra de 39 e quando fui anistiado e que voltei à Messines e pude por casualidade encará-lo de frente verifiquei que o homem como que alucinado se me dirigia e é convicção minha que se não lhe volte a cara e pressigo me viria pedir perdão, pois que a algumas pessoas tivera dito que estava arrependido da posição que teria tomado não só em relação a mim mas a outros messinenses.

Como se compreende, esta descrição episódica de alguns factos da minha vida não obedece a um esquema elaborado nem está sujeita a regras cronológicas ou outros motivos que não sejam dar notícia de factos que expliquem da razão e do modo de uma presença na luta há mais de cinquenta anos! Nem sequer podem estas considerações <sup>ser</sup> tidas como memórias ou constituírem propriamente fundo de uma autobiografia. No entanto para a compreensão histórica de uma época relacionada com o movimento libertário reputo de certo modo útil tanto a descrição de circunstâncias como de muitas implicações que a minha acção ao longo do meu viver não deixou de ter, sabido que é que foram as idéias mais que tudo <sup>que</sup> moldaram e imprimiram rumo a toda a minha vida... Daí a pouca importância que terá quanto fiz eu digo em volta do que vivi para o comum, ficando-me apenas a esperança que nem tudo se perderá e a consciência do dever cumprido!

O advento da Ditadura todos, os que a impuseram e suportaram, a consideraram situação passageira e os mais amigos da liberdade, especialmente os libertários, foram, como não poderia deixar de ser, os que mais deram o corpo ao manifesto, os que nunca se conformaram ou <sup>se</sup>mitiram que de tal sistema alguma coisa de social e humana utilidade poderia advir. Daqui ter sido o movimento libertário o mais directamente activo mas também em tudo e por tudo <sup>o</sup> mais perseguido! Sabe-se que os vários movimentos com base no povo foram sempre alimentados e promovidos pelos libertários e mesmo um ou outro de cunho político mereceu o nosso apoio, facto que não sucedeu da parte dos políticos no apoio ao nosso movimento! A greve de 2 de Maio de 32, o 18 de Janeiro de 34, a nossa acção em apoio da Revolução Sepanhola, não tiveram nunca o apoio dos políticos e os próprios comunistas, além de contraventores da acção directa, consideravam ainda os ergástulos da Ditadura locais propiciados para a sua propaganda e onde os seus militantes melhor faziam o seu tirocínio... Este clima vivemo-lo nós e ao salazarismo não foi difícil vencer-nos e eliminar-nos!

Os políticos continuavam a alimentar o seu "eterno amanhã" e os comunistas, já aliviados da "nossa presença", iam deixando que todos queimassem os seus últimos cartuchos e o Poder, sua única ambição, lhes caísse de bandeja... Mas deixemos este aspecto do problema para mais oportunamente dele falarmos e detenhamo-nos no movimento de 18 de Janeiro.

Ainda preso nos começos de 33 já se punha a hipótese de um movimento revolucionário feito pela C.G.T. e sua possível coincidência com outro dos políticos, circunstância nada de estranhar quando era certo que dos políticos pesava diariamente a promessa de uma revolução... No entanto nunca uma revolução contra a ditadura do Salazar teve maior oportunidade, pois é exactamente quando se prepararam para eleger a constituição de 33 bem como a ~~o~~ fascização dos sindicatos! Os libertários tinham a noção do perigo que isso representava para as liberdades fundamentais do povo português e em especial para as classes trabalhadoras, que se viam assim sem hipótese de defesa nos seus direitos perante a rapacidade patronal e por isso mesmo coube ao movimento libertário a seriedade de um movimento que fosse não só a prova da sua presença na luta contra a Ditadura mas até o oferecimento <sup>de</sup> seu sacrifício pelo seu derrubamento e advento de um sistema de mais liberdades. Não pensaram assim os políticos e com a mania ~~o~~ receio que

II/

a queda do salazarismo por uma revolução em que o Povo tivesse directamente intervenção enfraqueceria toda a idéa do Poder e com um poder nas mãos enfraquecido seriam frustradas as suas veleidades...tiveram sempre medo de uma queda brueca do salazarismo e assim se subtraíram a uma acção cooperante com as correntes mais revolucionárias e mais operantes! De oportunismo em oportunismo foram relegando a sua "revolução" e seguidos da mesma táctica pelos "comunistas" que sempre adoptaram o critério "quanto pior melhor" e com a sua mania de "Ditadura do Proletariado", se transformaram em centro de gravitação da dita "oposição" e a considerar que quem não estivesse com eles estaria com o Salazar, circunetância que o salazarismo admiravelmente explorou e fez consignar: Quem não é por nós é contra nós e ao país não restava outra alternativa que: ou o Salazar ou os Comunistas! Com uma Imprensa amordaçada, os sindicatos desfeitos ou tomados de assalto, os militantes, segundo a sua valia, presos e deportados, não há dúvida que toda a acção era difícil e num ambiente de tanta confusão toda a tentativa revolucionária resultava inútil ou eficazmente negativa, no sentido de facilitar aos órgãos repressivos da Ditadura localizar os focos de maior perigo a sua defesa!

O 18 de Janeiro teve esse condão; foi uma autêntica <sup>queima</sup> dos "últimos cartuchos" do movimento libertário e com a <sup>eliminação</sup> do movimento libertário, por assim dizer, o salazarismo respirou fundo e agora restava-lhe dar "palha ao papão do comunismo" e das suas fraquezas fazer fôrças, como sempre aconteceu!

Diga-se, porque não é mentira nem exagêro, que embora o 18 de Janeiro tenha sido um desastre para o Movimento Libertário provou do que é capaz uma organização quando a inspire princípios e a formem homens de uma firmeza de carácter e convicções de dar e perder, na defesa do prestígio das idéias e da liberdade que as imprêgnam, não só a vida que a desejam eternizar mas a própria liberdade que a têm como e suporte da sua vida! Conheci a maior parte destes elementos e sempre os vi altaneiros e generosos e deste modo se deram a um movimento que podia ter sido a queda do salazarismo se assim o tivessem querido os políticos, incluindo os comunistas!

O 18 de Janeiro podia ter resultado mais embaraçoso para a Situação se outro tivesse sido o porte de muitos elementos que nele se infiltraram e que a certa altura exerciam uma actividade mais de neutralização que de apoio ás consignas da do próprio movimento ou da organização que o promoveu! Pessoalmente fui testemunha desse facto quando de uma reunião a que assisti na Praia da Rocha, com representação de elementos de Olhão, Portimão, Lagos, Monchique, Silves e Messines; Tunes e não sei se de ~~mais~~ algumas terras mais! Recordo-me como alguns delegados, especialmente os seriamente tocados pelos bolchevistas, não desejando que os tomássemos como contrários ao movimento mas sempre em desacordo com o modo de preparação e actuação dos principais autores desse Movimento!...Na Praia da Rocha tivemos num só dia dois encontros e posso asseverar que o modo de encarar, por parte de alguns delegados, a acção e conteúdo do movimento era de algum modo diferente e o que depois pude verificar, em discussões com alguns mas já fora do ambiente das reuniões, deu-me a prova da pouca lealdade que se poderia es-

esperar dessa gente, facto mais que comprovado na sua acção negativa especialmente em Lisboa e arredores ou onde exerciam alguma influência! Sei por experiência própria que houveram alguns desaires por accidentes, mas também houve muita traição ou propósito firme em fazer abortar o movimento. Sabe-se que a partir de certa altura a Polia está de posse dos principais centros de organização do movimento e de quem depende o principal impulso dessa acção, embora não dê mostras do que sabe, precisamente para poder agir no momento azado não só no sentido de maior oportunidade mas principalmente com miras a um esmagamento maciço de quanto representasse efectivamente acção revolucionária e aos olhos do público e do mundo justificar a repressão que se seguiu e que foi previamente premeditada! A partir de agora toda uma série <sup>de</sup> medidas e de leis de repressão se normalizam e a PIDE tem rédea solta para o diabólico exercício da sua macabra actividade!...

A destacar do "18 de Janeiro" foi o trabalho nobilitante de alguns militantes da C.G.T., tanto no sentido eficiente da sua tática como na solidez revolucionária dos seus objectivos! Só a coragem e a abnegação emprestadas por uma escassa, mas proeminentemente válida, pleiade de militantes a este movimento o transformou efectivamente num dos mais fortes abalos que a Ditadura sofreu, ainda que a concumitante cobardia dos políticos e a malícia dos comunistas o tenham desfigurado! A 38 anos desse movimento e ainda hoje pesa no seio da massa trabalhadora a perspectiva inconfundível do ideário dos sindicatos livres da velha ~~da~~ C.G.T., impregnada do anarco-sindicalismo! A nacionalização dos sindicatos não foi entre nós tarefa fácil e ainda hoje é constante a reacção dos trabalhadores à presença de tais organismos. O Estado Corporativo forçou toda a gente a estar organizada, mas a situação de obrigatoriedade privou de vida própria todos os organismos e cerciou-lhes toda a vitalidade e os sindicatos, que são numericamente imensos, cultural, social e revolucionariamente nada valem.

O movimento de 18 de Janeiro estendeu-se a todo o País mas foi precisamente onde a C.G.T. possuía alguns núcleos de resistência onde mais eco fez o seu grito de revolta. A sua preparação fez-se em poucos meses e os recursos de que dispúnhamos eram poucos, razão que mais valida a acção dessa meia dúzia de militantes, cuja a coragem e inteligência revolucionária, superou a barreira das dificuldades imposta pela repressão do salazarismo e o deletério clima de confusão que os os comunistas criaram por toda a parte. Mário Castelhanos foi um dos grandes obreiros desse movimento e se outros motivos não houvessem a caracterizá-lo como um dos militantes de maior valia do movimento revolucionário de Portugal, bastava a sua intervenção no 18 de Janeiro! O seu tacto e espírito de organização; os seus conhecimentos de organização, sua cultura e profundamente tolerante e compreensivo deram-lhe as condições indispensáveis de que se revestiu na preparação do movimento! Conheci pela primeira vez Mário Castelhanos numa reunião em Portimão onde o ouvi falar acerca dos problemas da revolução, convenceu-me e convencia toda a gente, não só pelo seu talento mas especialmente pela candura e sinceridade que do seu espírito irradiava! A profundidade dos

13)

dos seus argumentos e o apuro de uma dedicação na defesa da independência e liberdade dos sindicatos foram para Mário Castelhana e particularmente na preparação do 18 de Janeiro condições que o deverão transportar para a história das lutas sociais como uma figura de relevo imperecível!

Mário Castelhana, M.H.Rijo, T.Aquino, como membros do C.C.da C.G.T., tiveram um papel preponderante neste movimento e propiciaram com a sua acção o alargamento do interesse pela luta a muitos centros do País, que viriam a intervir com mais ou menos intensidade na eclosão do Movimento. No Algarve estava ramificado nas terras principais, havendo comités revolucionários em Portimão, Lagos, Silves, Messines, Tunes, Olhão, Tavira e Vila Real de Stº António. Na preparação do movimento houve várias reuniões regionais e a presença do M. Castelhana fez-se sentir nas principais e até à altura da sua prisão por toda a parte se fez sentir a importância da sua influência e não fôra o desastre da sua prisão e outros desaires subsequentes tudo seria diferente! A Polícia foi alertada que algo de grave se passava e a sua actividade redubrou no sentido de fazer abortar o movimento ou de o desvincular e quebrar-lhe toda a unidade! Entretanto algumas provocações darão o rasto à PIDE para localizar os fúlcros principais da agitação e raiz do Movimento, procurando com a prisão dos militantes confederais destruir toda a acção projectada. Foi realmente contundente a acção da polícia, mas não impediu que o movimento deflagrasse e nalgumas terras como Coimbra, Vieira de Leiria, Barreiro e em muitas terras do Algarve, mesmo já desvinculado, o movimento tivesse tido alguma repercussão. Contrariamente ao que se disse, especialmente os comunistas, o Movimento não foi uma total frustração, na medida em que os trabalhadores compreenderam a imperiosidade da luta e em certa medida a ela corresponderam. Não foi uma "Zomuna de Paris", mas as grandes revoluções promanam muitas vezes ou podem suceder de acontecimentos de somenos importância. O que faltou no "18 de Janeiro" foi o clima de unidade e a confiança colectiva na acção revolucionária da C.G.T., dado que não nos foi possível a desmistificação política que se impunha para que fosse eficiente o movimento! A "acção directa" todos a temiam e os comunistas confundiam-se no seu combate com os da "Situação". Pode dizer-se mesmo que a desconsciencialização revolucionária que sucedeu à primeira grande guerra foi obra da actuação internacional do bolchevismo e a esse facto se deveu não só o triunfo do fascismo <sup>mas</sup> até o do adiamento da revolução social não se sabe até quando! Os partidos comunistas do mundo de 1920 para cá apenas servem o imperialismo russo e os problemas socioeconómicos dos trabalhadores jamais os interessou senão como meio especulativo ou modo de iludir a credulidade dos incáutos trabalhadores! Naturalmente que a sua nocividade foi tanto mais notória quanto menos esclarecidos são os meios onde actuam ou mais reaccionários ou autocráticos são os sistemas políticos dos povos onde militam. No caso português os seus processos coincidiram com <sup>a</sup> obstinada estatização do salazarismo e a extrema confusão e balbúrdia do mundo capitalista! Ao desespero económico e balbúrdia política do após guerra deve o bolchevismo o seu triunfo e o mundo capitalista a sua safa!

No caso português todo um plano de obliteração dos conceitos revolucionários do movimento operário se deve mais a acção dos bolchevistas que ao <sup>S</sup>meios de repressão do salazarismo! Vivi os cinquenta e tal anos que levo na luta em condições de o poder compreender e avaliar e quando se fizer a história com rigor e verdade dos últimos cinquenta anos das lutas sociais outra não será a conclusão a tirar! Longe de nós o propósito de denegrir ou falsear os factos quando a falsidade ou a mentira não servirá a ninguém e muito menos os princípios da revolução! Somos por temperamente e por convicções partidários da convivência social e ~~a~~ acreditamos na cooperação como sistema. Mas cooperar é agir de intensão límpida e sem sofismas de nenhuma ordem, dando e recebendo quando humana e livremente se possa dar e receber, numa reciprocidade de modos e intenções que nos irmanize e igual! Pretender aglotinar não é desejar a unidade e as "frentes <sup>únicas</sup>" e "frentes populares" durante dezenas de anos propaladas pelos comunistas não tinham significado e apenas serviram de trampolim para as forças da reacção mais facilmente despistarem a acção revolucionária dos trabalhadores. Os seus estribilhos eram tiros de pólvora seca que só faziam ruído e especialmente em Portugal foram balões de oxigénio que muito serviram para alimentar o fascismo! É certo que os ergástulos da Ditadura estiveram e ainda continuam cheios de gente que os acusavam de comunistas, facto que os levava a dizer que só eles lutavam contra o salazarismo e que eram por excelência o partido dos trabalhadores e em quem as massas teriam que confiar a sua libertação... Assim têm decorridos os anos e as décadas e a capacidade revolucionária do povo português cada vez <sup>mais</sup> reduzida! Paralelamente o movimento libertário sofre um eclipse total e embora permaneçam espalhados pelo país fora muitos anarquistas vêem-se desligados e a acção dos anos e das gerais contrariedades vão-os vencendo e tudo se processa a sabor dos desejos do salazarismo e como os comunistas o pretendem...

Nos primórdios da década de 30 ainda o movimento libertário sobrevivia e ~~na~~ mesmo dispersos os seus militantes tentavam esclarecer como sair do ímpasse em que nos debatíamos, mas a ausência de recursos e o círculo cada vez mais apertado dos elementos da "bufaria" e da PIDE, tornaram cada vez mais difícil a acção dos libertários que a acção do tempo acabou por pulverizar. A greve contra os 2% de 32; o "18 de Janeiro"; tudo que se realizou ou tentou fazer contra o auxílio de Salazar a Franco, foram tenteios que de certo modo muito nos honraram mas que resultaram no "canto do cisne" dos libertários como organização ou força que se opusesse ao salazarismo...

As prisões durante ou que se seguiram ao 18 de Janeiro vibraram um golpe de conseqüências dir-se-ia mortais para o movimento libertário e tudo que resta da alçada da Polícia nada pode fazer e de fraqueza em fraqueza culmina por uma quase conformação ou esperança vaga que o <sup>la</sup>salazarismo caia por si...

Pelo que me toca, com a minha intervenção no "18 De Janeiro" vi-me constrangido a fugir, mas era tão difícil escapar às garras da PIDE que tive de recorrer ao exílio.

Na preparação do "18 de Janeiro" tive, na verdade, no Algarve certa interven-

especialmente entre aqueles núcleos da população mais esclarecida. Durante o verão de 33 não sosseguei e com o auxílio de um núcleo de camaradas, entre os quais devo destacar Vergílio Barroso, António Pedro Lebre, João D/Arceira, José Eduardo, de Messines; Silves, Portimão, Lagos e Olhão havia também núcleos bastante activos, lembrando-me por exemplo o pro. Negrão Búisel, A. Franco, Varela e um camarada de nome Tomé de Portimão, que deram excelente colaboração, incluindo outros de Monchique, Silves e Olhão que não me lembro os nomes. Em Messines tivemos vários núcleos de resistência organizados, bem como nos arredores. Tudo estava previsto para uma acção impeditiva das forças repressivas e se as coisas se processassem como as tínhamos previsto e preparado ainda hoje penso que num certo êxito da nossa actividade!...

A acção do Vergílio Barroso foi extraordinária e para sempre gravei no meu espírito a abnegação e coragem deste excelente camarada! Vergílio Barroso era natural de Silves, mas para a preparação do movimento instalou-se em Messines, sendo o elemento de ligação por excelência não só naquelas redondezas mas até mesmo com Lisboa, Barreiro e implicitamente com todo o movimento. Foi incansável Vergílio Barroso e sem o seu trabalho e dedicação na preparação deste movimento denotaram a grandeza de espírito de que era formado V. Barroso! Guardo desses momentos a mais viva recordação e sobretudo como é estimulante a coragem de lutadores tão abnegados! V. Barroso, de bicicleta, andava dezenas de quilómetros para estabelecer uma relação, ou para transportar tudo que fosse preciso no sentido da luta onde estar presente para o que fosse preciso... Na preparação do 18 de Janeiro muito lhe ficámos a dever e ainda mais perante a sua coragem em assumir a responsabilidade perante a Polícia <sup>que</sup> desta o acusava, bem como na firmeza com que pela vida fora se conservou fiel aos princípios! Tive a sorte de conhecer bons camaradas e neles ver excelentes amigos, Vergílio Barroso faz parte desse número e muito me honro de o ter tido sob a alçada da admiração e amizade que aos amigos e camaradas sempre votei!...

Nos últimos tempos da minha actividade que precedeu o 18 de Janeiro redobrei os meus conhecimentos nos meios populacionais e esse facto fez-me <sup>me</sup> devoto e credor de amizades que não esqueci mais! Em quase todas as aldeias circunvizinhas se criaram grupos de amigos e simpatizantes cujo entusiasmo pela idéias me davam a consoladora certeza do que estas valem perante os que têm límpida a consciência ou aceitam sem reservas o princípio que o homem e a sociedade devem e podem ser melhores!

Houve <sup>um</sup> grupo, mais, ou menos de carácter específico, no sítio chamado Monte da Charneca, que tenho por ser positivamente obra minha, mas <sup>é</sup> importante é que era uma família inteira e de certo modo muito dada a práticas religiosas e eu tive o inefável prazer de transformar em autênticos camaradas! Tudo isto tem uma história larga e talvez não valha a pena contar em pormenor, no entanto sempre mereço <sup>dizer</sup> que tudo resultou da estima e amizade que mereci de uma Senhora, que depois, por contágio, <sup>am</sup> as tornou extensivas a quantas pessoas de sua família e amigas. Fazíamos ainda bem não umas idas ali e era sempre em festa que nos recebiam! Quanta saudade tenho desse ambiente e recordá-lo é senti-lo vivo no

do meu espírito e uma referência positiva que guardo do meu obstinado proselitismo. Recordo-me que em 31 de Dezembro de 33 fomos, eu, V. Barroso, José Eduardo e um outroy camarada mais que agora não recordo o nome, passar a noite junto ~~da~~ dessa família e foi uma noite de alegria sem paralelo na minha vida de idealista!

No dia sete de Janeiro de 34 fui surpreendido com um "achado explosivo" no sítio chamado serro grande que pôs em alvoroço toda a vila e a mim nem mais permitiu que ali permanecesse. Coisas do acaso mas que foi motivo para fazer cair sobre Messines uma onda de repressão e terror nunca outra jamais ali sofrida! A coisa passou-se assim: O seis<sup>to</sup> de Janeiro foi a um sábado e houveram, como quase sempre nestes dias, muitos casamentos em toda a freguesia; um desses casamentos situou-se nas proximidades do "Penedo Grande" onde casualmente tinham sido postos os explosivos, ocorrendo que é costume destes sítios festejarem o casamento um dia na casa do pai da noiva e outro na casa do pai do noivo. Para um e outro lado se desloca toda a gente e num ou noutro lado fica deserto o casal. É também uma quadra do ano onde mais se aguça a vontade de alguma coisa ter e os que por condição ou hábito se habituam à pilhagem nesta altura mais se requintam nas suas partidas de furto. Assim, aproveitando a deslocação do casamento para um dos lados no outro assaltaram-no os rapinantes e muitas coisas roubaram! Do facto promanou toda uma alteração popular e em grupos numerosas toda a gente procurava o roubo e não houve canto nem buraco que não fosse visto e investigado em busca do roubo. Por asar o "achado" estava introduzido num valado metido em alcatruzes de nora, envolto em aparas e em condição de para sempre ali ficar sem ser sugeito a deteriorização ou ainda à margem de qualquer outro desaire. Quis o acaso que entre os que o roubo procuravam fosse um diabo com "escola" e lembrosse ver bem nos valados que bem podia ser terem-no ali escondido. Assim andou e farejou e a certa altura viu que em dado local estavam pedras mechidas e lembrouse que ali estaria o roubo e quanto mais mexia mais se certificava que havia "gato" e foi indo e encontrou os alcatruzes ou a "mina douro" que procurava! Os indivíduos nem sabiam o que aquilo era e houve um deles que ia tendo a imprudência de fazer estoirar "aquilo"! Claro que entretanto fazem alarido e dirigem-se para a vila com o "achado" e foram entregá-lo à G.N.R. local, que, como era natural, ficou apavorada e a primeira reação foi comunicar para Silves e de Silves para Faro e umas horas depois Messines parecia uma cidadela tomada de ~~a~~ assalto... Claro que me pus a "fangos" com a "brincadeira" e não fora ter quem me fousse avisar imediatamente ter-me-iam prendido e ao Barroso, porque estávamos juntos! Muitas prisões, foi-me a casa assaltada, meus irmãos presos e todas as casas de pessoas da minha família e amigos rebuscadas e de todos exigiam que lhes dissessem o meu paradeiro! Foram uns momentos difíceis, tanto mais que era nesse tempo comandante da Polícia em Faro um tal Rosa Mendes, um furibundo salazarista e que me tinha particularmente bicoque por se ter enganado comigo aquando de uma prisão minha ter interferido no sentido de facilitar a minha liberdade, pois adjunto da PIDE e recordo-me que certa noite, estava eu incomunicável no Aljube



e a altas horas da noite apareceu-me ele, acompanhado de alguns agentes, como que muito preocupado comigo e a perguntar-me porque estava preso, porque não dizia à Polícia tudo <sup>que</sup> sabia e que a Polícia <sup>precisava</sup> ~~quisava~~ saber, bem como se não tinha filhos e se não era amigo dos filhos e se estar ali como estava me não incomodava. Naturalmente que respondi que sim mas que não sabia dizer ~~dizer~~ o que a Polícia queria que eu dissesse, naturalmente num tom de linguagem simples que parece tê-lo convencido! Pois bem-me disse ele-você amanhã vai à polícia e tudo que souber diz, arranca lá de dentro tudo que lá tem e imediatamente vamos resolver a sua situação". Na verdade voltei novamente à PIDE mas desta vez apenas para fazer os autos e como eu os expus e não como eles o queriam, e isto porque ele, Rosa Mendes, o deveria ter determinado. Daqui ao meu julgamento decorrer <sup>am</sup> três meses e tal e tudo me correu favorável e isto, suponho-o ainda hoje, por influência do Rosa Mendes. Depois disto, compreende-se a raiva do homem pela minha reincidência em persistir lutando e desta vez com uma "carga tão razoável" às costas:-responsabilidades num movimento ~~que~~ se sabia extensivo a todo o País...

Vejo <sup>me</sup> ~~agora~~ <sup>uma</sup> ~~uma~~ situação difícil e tenho que me esconder até que possa eva-  
dir-me do círculo que me envolve, procurei ainda uma casa ou outra de um ou outro amigo e por último refugiei-me num moinho de vento e ali estive, eu e o Barroso, até ao dia, creio que 16, em que por serras me dirigi a S. Marcos da Serra, onde permaneci em casa de um amigo, democrático convicto, chamado J. Ventura Vargas, onde fui obsequiado com um trato e carinho que jamais esquecerei e aqui deixo, com a mais viva expressão de reconhecimento e homenagem, o seu nome, ligado deste modo, à história das lutas contra o fascismo português!

Quando saí do moinho separei-me do Vergílio Barroso, que teimou em ir a casa, não obstante o perigo que representava como realmente sucedeu: foi preso! Eu estava em S. Marcos Da Serra quando a 18 rebentou o Movimento, soube por esse meu amigo que se informou de tudo e me informou! Ali estive fechado em sua casa uns 8 dias depois resolvi encaminhar-me para o Alentejo onde tinha família, mas sempre advertido de um cuidado próprio das circunstâncias e de que fui bem sucedido! É conveniente dizer que tive largo apoio em toda esta quadra, talvez das mais dramáticas que vivi, valendo-me sobretudo o ser muito conhecido e de não regatear o auxílio fôsse de quem fôsse... De S. Marcos viagei numa guarita de guarda-feio até à Funcheira, entrocamento ferroviário dos mais importantes do S. e Sueste, onde tinha casualmente um grupo de bons camaradas e amigos que, conscientes do perigo em que estava, não sabiam o que me haviam de fazer! Desde o chefe da estação, chamado M. Romão, aos agulheiros e guarda-freios ~~de~~ serviço todos se puseram ao meu serviço e incluso morava nesse tempo na Funcheira um velho camarada <sup>de nome</sup> Guerra, que era, por sinal, o arrendatário dos restaurantes do S. Sueste. Todas estas circunstâncias, que muito me favoreceram, provam como neste tempo tínhamos certo ambiente e especialmente nos ferroviários do Sul e Sueste! Eu mesmo nesse tempo era muito conhecido e tinha muitos amigos nos caminhos de ferro, onde por volta de 27 e 28 trabalhei.

Da Funcheira segui para Ermidas-Sado, onde tinha família, e, sempre cauteloso,

em Ermidas, antes de me aproximar dos meus dirigi-me ao chefe da estação, casualmente um irmão de um camarada nosso, Alberto de Azevedo e mais ou menos camarada também. Em contacto com os meus familiares soube que já ali tinha sido procurado e era preciso muitíssimo cuidado e deste modo fui para casa de uma sobrinha recém-casada e que morava na Mina do Louzal; A minha sobrinha só tinha uma cama e como era no inverno não tiveram outro remédio senão deitarem-me com eles na mesma cama! Estes episódios só merecem realce pelo que representam no aspecto da solidariedade e que sem ela não ~~me~~ teria sido possível defender-me! E aqui cabe dizer que se sempre fui inclinado para a prática da mesma desde esta tão difícil provação fiz-me todavia mais solidário! Sempre entendi que a luta não é possível sem solidariedade, mas a partir desta perseguição comprovei que eu mesmo não teria resistido se não fôra tanto apoio, tanta ajuda e que por si só representam o lado mais positivo do nosso movimento! Neste domínio não sei avaliar quanto devo e centenas de anos que vivesse a espalhar solidariedade a rodos não pagaria o que em solidariedade devo!

Em casa desta minha sobrinha não pude permanecer muitos dias, pois certo dia estando só com ela <sup>a</sup> almoçar há uma vizinha que sem se anunciar entra pela casa a dentro e surpreende-nos a almoçar! A mulher não me conhecia, mas não era prudente dizer-lhe tudo e não lhe dizer nada também a intrigaria e por último fui eu mesmo que lhe expliquei a minha situação, com o que muito a assustei, mas ainda assim foi a solução! A partir de agora já não estou socegado e estabeleço o propósito de marchar para outro lado. Entretanto recordo-me de ali ter assistido a uma coisa que me apaixonou mas que não pude ver e apreciar de perto: - A minha sobrinha foi à rua e veio-me dizendo que tinha assistido ou visto um grupo de pessoas que apreciavam um ovo mole com o embrião de um cão, facto que pôs em alvoroço toda aquela gente pela curiosidade despertada. O facto surpreendeu-me ~~me~~ muito e solitei que minha sobrinha se informasse melhor da coisa! Esta saiu e quando veio garantiu que tinha realmente visto o "cãozinho em miniatura" e que uma galinha o havia posto num ovo mole... vista e analisada a coisa o farmacêutico da aldeia pô-lo num frasco com álcool. Claro que não estava em situação de mais saber; no entanto nem mais esqueci o incidente e ainda hoje pesa no meu espírito o interesse de uma explicação do "fenómeno"!...

A minha permanência no Louzal não podia manter-se e era forçoso arranjar sítio seguro. Valeu-me neste apuro um velho camarada, Hernane da Silva, por sinal um camarada de um valor excecional e com um espírito de organização e solidariedade pouco vulgares! Era de profissão carpiateiro de carros, mas a crise de trabalho no seu ofício levou-o ser vendedor de cautelas e fazia a sua venda por vários lados incluso Ermidas. Ele era de Santiago de Cacem mas corria quase todo o baixo Alentejo e em conhecimento de camaradas, que me lembre, foi um dos que creio mais elementos conheceu! Fui seu amigo e admirador, as suas qualidades eram excepcionais, sem ser culto tinha dos problemas sociais uma intuição que o distinguiu e o tornavam credor de estima e respeito de toda a gente! Mantive com ele rela-

até à sua morte e já no leito da morte desloquei-me a Santiago para o ver pela última vez! Dissezam-me que morreu como sempre viveu: -falando e pensando nas idéias e já em luta com a morte insistia em dizer que assim que se posesse em pé organizaria uma vinda a Almada com os <sup>mea</sup> caradas de Santiago para um dia de confratização e convívio entre todos! Era assim Hernane da Silva e à sua memória de lutador e anarquista covicto aqui presto a minha mais que sentida homenagem!

Hernane assim que supôs que eu andaria por Ermidas foi ao meu encontro e a pareceu-me precisamente quando estou aflicto por sair e buscar novo rumo. Apreciada a situação depressa Hernane arranjou para onde me levar não só com a garantia como certeza do acolhimento que o caso requeria. Abalámos de noite, fugindo das estradas, e fomos para S. Domingos, aldeia que dista de Santiago uns 20 quilómetros. Ali encontrei um grupo de amigos que não poderei esquecer, mas fixei-me em casa de Francisco Augusto, um misto de comerciante e lavrador mas especialmente homem de uma formação moral excecinal e não sendo propriamente anarquista professo quantos que anarquistas se confessam não teriam muito que aprender no exemplo vivo do seu porte! A sua família toda participava na sua geral actividade e em cada familiar tive um amigo, que ainda hoje recorro com amizade! A vida deste homem era a de um verdadeiro apóstulo do bem, ter-se-ia dito republicano antes da República, depois deixou de acreditar na Política e como por condição não podia lutar nos sindicatos, pois, como já vimos, era comerciante, abraçava idéias progressistas e todos que avançados fossem via com bons olhos e tudo dava para que o mundo fôsse melhor. Em sua casa reservou-me um quarto e só a sua família e mais um dois amigos sabiam da minha estada ali. Esta nobre gente não sabiam o que me haviam de fazer e o lembrar-me de tudo isto faz-me pensar quanto realmente fiquei a dever a tanta gente...

Mas enfim, ali estive e às noites passávamos muitas horas em conversas sobre idéias e ainda sinto viva a sensação agradável que me davam todos na sua total aprovação do que então como hoje considero ser a chama do meu ideal! Os seus filhos chamavam-se, por ordem de idades, António, mas <sup>me</sup> chamavam-lhe Toninho, Feliz, Paz e Liberdade! A vida desta gente era muito curiosa e já o facto dos nomes que escolheu para os filhos atestam que Francisco Augusto foi sempre um homem com idéias. Mas para além de tudo era um homem com muito interesse e com uma filosofia das coisas e da vida que <sup>o</sup> distinguiam muito do comum das pessoas! Na sua casa estava o marco do correio e toda a correspondência ali era distribuída. Ele mesmo era uma espécie de escrivão e naquelas redondezas era frequentemente procurado para antigos manuscritos que ele lia com relativa facilidade, sendo uma espécie de paleógrafo e que lhe dava efectivamente certa distinção! Além de tudo era um excelente amigo e mantinha excelentes relações com muita gente e quantos ali passavam o tinham que conhecer, pois era a figura mais representativa da terra! Recordo-me de uma ou duas vezes me perguntar se eu estava na disposição de me encontrar com um ou vários elementos que ali iam, um viajante e um outro chefe de estação e considerados comunistas ferrenhos. Disse-lhe caso a minha liberdade não perigasse que não me importava e certo dia introduz-me no

quarto um individuo, tendo dito ao individuo que "eu era um viajante que ali tinha ficado que poderia falar à vontade comigo que era pessoa de confiança", ao que o individuo se não fez rogado e começamos a falar. Pouco tempo depois aproximou-se a hora do jantar e todos em família a conversa subiu de tom e o homem em questão era um autêntico militante do P.C. que habituado às suas arengas depressa se estendeu e deixei-o caminhar e só muito subtilmente fui investindo até chegar a uma altura em que me assenhoriei da situação e pus o nosso homem em difícil situação! Digo isto não por vaidade mas sinto prazer em recordá-lo e o facto explica-se quando era certo ter uma memória privilegiada e estar numa fase e idade cujo entusiasmo e vigor me davam de algum modo larga vantagem sobre os meus contendores. Nesse tempo (e ainda hoje suponho que no campo das idéias não há argumento que me apralhe nem astúcia ou dialética que me embatue) a argumentação dos comunistas circundava em volta dos "éxitos da revolução russa" e a idéa de "Ditadura do Proletariado" não era mais que uma simples ponte de passagem à sociedade que os Anarquistas propagava, como já o havia dito Lenine. Os que estudavam nas obras de Marx, Engel, Lenine ou de tantos outros corifeus do bolchevismo, davam-me a idéa ~~axam~~ de quem estuda ou decora um papel ou sermão e o terá de ~~deixar~~ repetir sem a falha de uma sílaba e quando interpelados no meio do discurso perdem-se, descontrolam-se. Tive dezenas de casos destes e a sua cultura socioeconómica estava cheia de vãos que uma discussão séria depressa punha<sup>a</sup> descoberto. No caso do nosso chefe de estação também foi assim e o facto merece realce precisamente pela alegria que motivei ao nosso amigo Francisco Augusto, na medida em que viu desautorizadas as idéias, perante os nossos argumentos, do seu "imbatível" Conde de Matos, assim se chamava o nosso homem e nós, embora ficássemos amigos nem mais nos vimos, embora este ainda viva e uma vez ou outra tenha notícias dele! Em S. Domingos havia mais um camarada chamado Candeias, também já falecido, excelente camarada e muito entusiasta das idéias. De Santiago ia um ou outro camarada ter comigo e mantinha-me em contacto com a organização!

Desloquei-me depois para uma quinta de um antigo militante rural, chamado Silvério Marques, que como em todo o lado me fez uma recepção imerecida e ali me conservei alguns dias. Este Silvério Marques era tão grande no físico como na alma, pois devia ter cerca de 2 metros de alto e com um corpo de gigante! Tinha sido elemento activo dos rurais e quando aí por volta de 1916 se agitou naquela região, Vale de Santiago e imediações o problema da distribuição de terras entre camponeses teve papel preponderante nessa luta e quando certo dia forças da G. R.N. o foram a casa para o prender reagiu e disse que não pensassem prendê-lo que não se deixava prender e perante a teimosia da Guarda que entraram em casa para o prender desfechou sobre eles a sua "caçadeira", matando um e outro correu para ele apanha-o e lança-o ao chão e pretende escarchá-lo, pondo-lhe um pé em cima de uma perna e a outra distanciando até o rasgar, só o não tendo feito por este lhe haver pedido em nome dos filhos que o não matasse! Assim era Silvério Marques. Entregou-se depois à prisão, foi julgado, esteve algum tempo no "Limoeiro"

mas passado pouco tempo foi anistiado! Bons tempos...

Ainda em casa do Silvério Marque vivi um episódio que deve ser relatado:- Certo dia preparou o Silvério a carripana e preparando-se para ir ao Cercal, convidou-me se queria ir com ele. "Alí ninguém te conhece, vais comigo, eu ná muitos anos que não se metem comigo e ninguém vai supor quem possas ser... Asseitei o convite e fui eu ele e o filho na carripana até ao Cercal, que ainda distava do Monte do Silvério uns vinte quilómetros. O pior é que estávamos ali isolados e não tínhamos tido conhecimento que em Santiago e Sines se tinham feito prisões e que estava tudo por ali muito inflamado e para maior complicação e certo receio meu tinham prendido nessa tarde um camarada de nome Manuel Estelano e por sinal passou entre uma patrulha da Guarda em frente do lugar onde me encontrava e assisti aos comentários mais estapafúrdios mas que em suma atestavam a situação em que me encontrava, pois diziam que a Guarda tinha ordem de prender todo o estranho que ali aparecesse. Desnecessário será dizer que me pus "afangos" e pedi ao Silvério que nos retirássemos o mais depressa possível. Assim se fez e não passou nada... Entretanto já não estava bem neste sítio e admiti que a Guarda por ali aparecesse a fazer alguma batida e eu voltei a Ermidas onde preparei a minha ida para Espanha.

A caminho de Espanha fui até Beja de comboio e foi o nosso camarada Alberto de Azevedo, então revisor, que se encarregou do frete... Em Beja também tinha alguns amigos e Beja nesta altura era um centro revolucionário muito importante, especialmente no sector rural. Vivia ali o Velho Gonçalves Carreira, um poeta e romântico do anarquismo, Caitano Pires, Peladinho e tantos outros que agora dos nomes me não lembro, onde me foi prestada a solidariedade que precisava e encaminhei-me para mértola a caminho da mina de S. Domingos onde me seria preparada a passagem da fronteira!

Na fronteira descalcei-me, arregacei as calças e com a companhia de um camarada de nome António Patrício, irmão do velho militante anarquista Valentim Adolfo João, excelente camarada e envolvido mais tarde no atentado a Salazar, estive preso mais de uma dezenas de anos e faleceu há cerca de três anos! Valentim A. João estava fixado a umas dezenas de quilómetro da fronteira e fui dirigido a ele. Alí o encontrei feito agricultor, vivia com a mulher e alguns filhos numa barraca de vime, se bem me lembro. Já nos conhecíamos por correspondência, mas quando o vi, cabeleira ao alto e desenvolta, lembrei-me da "Cabana do Pai Tomás" e Valentim dava na verdade uma excelente figura de romance! Fazia a sua sementeira e era um autêntico camponês. Fiquei ali um dia e uma noite e recordo-me que ele gosava ali de bom ambiente e nessa noite fomos visitados por uma patrulha da guarda fiscal ou os chamados "carabineiros", que de certo modo me vieram a ser úteis para a minha introdução por Espanha!...

xxx

O EXÍLIO

